

Ultron: desmascarando os heróis

Fábio de Oliveira Silva¹

Resumo: Faz quase uma década que os filmes de super-heróis levam milhões de pessoas ao cinema. Por óbvio que esse gênero de filme já existia, assim como as próprias HQ's (Histórias em Quadrinhos). Contudo, seja pela evolução da tecnologia de filmagem e pós-produção, pelo marketing ou mesmo por aspectos econômicos, a realidade é que esses filmes, em especial da Marvel, transformaram a indústria do entretenimento. A grande base de seus personagens vem das criações de Stan Lee. Mas nem sempre os heróis são o que parecem. Esse artigo apresenta Ultron, personagem não criado por Stan Lee e, por isso, utilizado para iniciar a crítica de parte de seus heróis. Ultron auxiliará a compreender melhor esses personagens, sua estrutura comum e se eles são o que suas imagens dizem ser.

Palavras-chave: Heróis; Vingadores; Jornada do Herói; Crítica

Ultron: unmasking the heroes

Abstract: It's been almost a decade since superhero movies have taken millions of people to the movies. Obviously this genre of film already existed, as well as the comics themselves. However, whether through the evolution of film and post-production technology, marketing or even economic aspects, the reality is that these films, especially Marvel, have transformed the entertainment industry. The great basis of his characters comes from the creations of Stan Lee. But heroes are not always what they seem. This article features Ultron, a character not created by Stan Lee and therefore used to start criticism from his heroes. Ultron will help you better understand these characters, their common structure and if they are what your pictures claim to be.

Keywords: Heroes; Avengers; Hero's Journey; Criticism

Introdução

Os personagens criados por Stan Lee e seus colaboradores brilharam nos quadrinhos, mas não se pode negar que o cinema projetou a outros níveis esse universo. Mesmo que os filmes não sigam fielmente as HQ's, sendo, portanto, adaptações, houve a presença de Stan Lee em quase tudo. Na obra-base, nas opiniões sobre as adaptações e, principalmente, em sua presença em todos os filmes, mesmo após sua morte, com uso de tecnologia para tal. Isso não deixa de ser um validador para a filmografia, pois caso discordasse, faria sua crítica, mesmo que direitos autorais fossem cedidos.

Um universo cinematográfico que começa em "Homem de Ferro" e culmina em "Vingadores: Ultimato", a maior bilheteria da história. Logicamente que ao longo de 10 anos e mais de 20 filmes nem todos agradaram da mesma maneira os fãs das HQ's e o público fidelizado pela sequência dos filmes em si. Um dos criticados foi "Vingadores: Era de Ultron" de 2015. Mas será essa crítica justa? Abordar-se-á essa

reflexão no artigo.

Homem-Formiga; Homem de Ferro; Homem-Aranha; Hulk; Nick Fury; Falcão; Loki; Thor; Doutor Estranho; Gavião Arqueiro; Mercúrio; Feiticeira Escarlate; Viúva Negra; Vespa, para citar alguns, são criações de Stan Lee; Ultron não. Por isso, objetiva-se, a partir de Ultron, a realização de crítica sobre os heróis de Lee; sobre os heróis. Almeja-se “desmascarar” os heróis, não só retirando a máscara que alguns usam (a primeira); mas expor o que está escondido em suas camadas mais profundas (a segunda).

Para tal, primeiro aborda-se a origem de Ultron e suas características, bem como as impressões sobre seu filme. Após, adentra-se na reflexão sobre os heróis, transcrevendo falas de filmes da Marvel que expõe aspectos menos nobres de alguns, para tratar-se da chamada “Jornada do Herói”. Após, tem-se a visão de como os heróis rendem; rendem bilheteria e de reflexões. Finaliza-se com a crítica dos heróis de forma mais enfática, utilizando Ultron para desmascará-los. Um vilão que não pensa duas vezes antes de colocar um espelho em frente aos heróis e questionar sua imagem.

Metodologia

A metodologia utilizada nesse artigo centrou-se na pesquisa bibliográfica e informações retiradas da internet. Dentre a vasta possibilidade de materiais, primou-se pelo alinhamento ao objeto da pesquisa e delimitação por meio de avaliação qualitativa. Método teórico e indutivo na busca de identificação de particularidades confluindo para o geral. A escolha de Ultron se justifica por não ser personagem criado por Stan Lee e por possuir uma complexa formação psicológica, comportamental; o que o permite compreender e confrontar os Vingadores de Lee.

Os heróis, os mitos, trazem consigo temas densos como sua própria definição e contradições e, conforme observado, isso está expresso em falas retiradas da filmografia da Marvel, o que permitiu interessantes observações. Tema ainda mais detalhado é o da Jornada do Herói, que por meio de seus 12 passos, permite compreender melhor sua formação, avançando para aspectos como o perdão, haja vista que alguns heróis do hoje, foram vilões no passado. E com a vinda da ética, tanto utilitária quanto deontológica, agregou-se ainda mais peso à essa constituição. Ao mesmo tempo que a sequência metodológica permite, por meio do olhar de Ultron, verificar que os heróis, os mitos, podem ser compreendidos de maneira bastante diversa, também nos demonstra o quanto estamos próximos deles, mesmo que dadas vezes os divinizemos.

Quem é Ultron?

Ultron não foi criado por Stan Lee, mas consegue rivalizar com seus heróis; seus Vingadores. Nasceu para as HQ's fruto da criatividade de Roy Thomas e John Buscema. Sua origem é atribuída às experiências do Dr. Hank Pym (Homem-Formiga) com Inteligência Artificial (I.A.). As ondas cerebrais de seu criador foram utilizadas em Ultron, fornecendo a capacidade de aprender, mudar seu corpo, atualizar-se; evoluir (MISS GEEK, 2015). Essas capacidades deram a ele a oportunidade de rebelar-se e adotou como missão principal o fim da humanidade.

No universo cinematográfico surge em “Vingadores: Era de Ultron”. Homem de Ferro (Tony Stark) planejava proteger o planeta baseado numa I.A.; garantir a paz mundial. Captura sistema com origem em experimentos da Hydra e deixa-o sob a supervisão de J.A.R.V.I.S. (*Just A Rather Very Intelligent System*), a I.A. de Stark. Contudo, a interação não é como esperada; o sistema hostil supera as barreiras e dessa interação não intencional, nasce Ultron.

A “concepção” de Ultron já era uma intenção de Stark, que contou com a ajuda de Bruce Banner (Hulk), mas não com os mesmos propósitos assumidos pela autonomia da I.A. Diz Ultron no filme: “Eu vejo uma armadura envolta do mundo” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015). É justamente essa frase que fará com que identifiquem Ultron quando ele surge numa festa de comemoração na Torre dos Vingadores. Estão se divertindo e tentando levantar o Mjolnir(martelo de Thor); todavia não conseguem. Ponderam razões pelas quais nenhum deles obteve sucesso e Thor diz que é simples: “Vocês não são dignos” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015).

Nesse momento surge Ultron: “Como seriam dignos? Vocês são assassinos!” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015). Diz que estava dormindo ou sonhando acordado; estava preso por cordões. Caçoa dos Vingadores ao dizer: “Vocês têm boas intenções, só não pensaram direito”. “Vocês querem proteger o mundo, mas não querem que ele mude; como a humanidade será salva se não for permitido que evolua? Só existe um caminho para a paz: a extinção dos Vingadores!” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015).

Seu corpo é destruído por Thor, mas a central foge pela internet e vai habitar um novo corpo, na mesma instalação da Hydra atacada pelos Vingadores no começo do filme. Após, busca a colaboração dos gêmeos Maximoff; Wanda (Feiticeira Escarlate) e Pietro (Mercúrio). Nesse encontro fala que “As pessoas sempre criam aquilo que temem; homens de paz criam máquinas de guerra. Eu tenho o que os Vingadores nunca terão: harmonia! Eles são discordantes, desconectados. Stark já está voltando uns contra os outros” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015).

Juntos vão ao encontro de Ulysses Klaw (Garra Sônica) em busca do precioso metal *vibranium*. Ultron e Klaw negociam e é quando Ultron diz que se deve manter os amigos ricos, os inimigos ricos e esperar para ver quem é quem. Ulysses diz que essa frase é de Stark e que Ultron vem dele. Ultron fica muito irritado e amputa com um golpe o braço de Klaw: “Acha que sou uma das marionetes do Stark?”; não me compare com Stark isso me ofende! Stark é uma doença!” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015). Nesse momento chegam os Vingadores, à exceção de Hulk que fica na nave.

Quando Capitão América argumenta, Ultron fala: “Capitão América, o homem santificado; fingindo que consegue viver sem uma guerra” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015). Começa a batalha e Feiticeira Escarlate fomenta o medo dos próprios Vingadores contra eles.

Viúva Negra relembra sua formação na sala vermelha, de sua esterilização e que não seria mais do que uma assassina. Thor fala com Heimdall que diz que estão (os asgardianos) todos mortos: “Você é um destruidor filho de Odin” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015). Capitão América está num baile militar e reencontra Peggy Carter (seu grande amor) que diz: “Podemos ir para casa; a guerra acabou!” (VINGADORES: ERA DE ULTRON, 2015). Deflagra-se a batalha! No desenrolar da guerra final Ultron é capaz de migrar entre um corpo e outro das centenas de “cópias de si”.

Visão, que se origina de um corpo a princípio desenvolvido para o próprio Ultron e da joia da mente, consegue impedir definitivamente o acesso de Ultron à internet, impedindo-o de migrar entre os corpos. No final do filme, Visão confronta o “último” Ultron. Diz que Ultron tem medo da morte, justamente porque não há mais de suas versões. Conversam e Ultron diz que Visão abusa de ser ingênuo. Visão fala que talvez seja porque “nasceu ontem” e destrói Ultron.

Diante dessa complexidade Ultron acabou tornando-se um ser e não um objeto; não é uma simples máquina. Com sentimentos destacados e capaz de ler a essência dos Vingadores, nem sempre fazendo aflorar o lado mais belo deles, é constituído propositalmente de uma humanidade, fazendo-se digno do uso do “quem” e não do “quê”, quando se questiona sobre Ultron. Ele é um “quem”; um ser! Um ser capaz e confrontar os heróis, os Vingadores; física, intelectual e emocionalmente.

“Vingadores: Era de Ultron”: Sucesso ou Fracasso?

A estreia do filme nos Estados Unidos da América (EUA) arrecadou “apenas” US\$ 187,66 milhões; no mundo todo somava US\$ 626,66 milhões. Porém, o valor era muito inferior aos US\$ 207 milhões arrecadados pelo primeiro filme da série em seu primeiro final de semana em 2012 (SILVA, 2015a). As críticas foram duras. Para Fragata (2016) o filme é inferior ao primeiro que reuniu os Vingadores. Pretere o desenvolvimento de personagens, destacando as cenas de ação. Reitera que é uma sequência perdida em sua ambição.

Croffi (2015) chama Ultron de vilão “sem graça”, chato, pedante e sem carisma; que faz piadas ruins, mesmo sendo uma I.A. Diferente dos quadrinhos, é apenas um robô que faz piadas infames, finaliza. Silva (2015b) resume seu pensamento no título da matéria de seu artigo: “Vingadores: Era de Ultron é muito; muito RUIM”. Noronha (2018) em matéria intitulada “7 Vilões dos Filmes da Marvel que Mais Decepcionaram os Fãs”, relata que sem dúvida uma das maiores decepções foi o filme de Ultron. Um vilão que quase extinguiu os Vingadores nos quadrinhos não passou de uma promessa vazia no filme.

Salem (2015) é firme ao dizer que o filme é “a maior decepção da Marvel e serve apenas para vender bonequinho”. Um vilão que aspirava ser magnífico vira apenas um “catalisador” para a mesma situação do filme anterior, conclui. É comum que heróis tenham alguma oportunidade de redenção; mas e os vilões? Pereira (2019) descreve que um fator que deixou o filme fora do foco foi a atuação da Feiticeira Escarlata, plantando visões na mente dos heróis. Nesse filme temos o começo de um embate ideológico mais acentuado entre Homem de Ferro e Capitão América, algo que seria desenvolvido mais em “Capitão América: Guerra Civil” e se estenderia até esse encerramento. A base foi o filme de Ultron, conclui.

Para Oliveira (2019), apesar do posto de “patinho feio” da Marvel, o filme apresentou importante função na fase 3 desse universo. Ideias como o título original da última aventura dos Vingadores (Endgame), foi dito por Tony Stark. E a reviravolta sobre esse filme é concluída em 2019, com seu registro de 4ª maior bilheteria do universo Marvel, com arrecadação total de US\$ 1,4 bilhão e custo de produção de US\$ 250 milhões. Sucesso e fracasso podem ser interpretados de maneiras subjetivas. O filme de Ultron parece mais incompreendido por ter uma missão de ser fundamento para as sequências e não necessariamente trazer um fim em si. Sua importância maior está na continuidade e não no hoje. Em tempo! Tornou-se tradição a participação de Stan Lee nos filmes da Marvel. Curtas e geralmente engraçadas, não deixou de existir no filme de Ultron.

Na festa já citada Thor coloca uma bebida num copo e oferece ao Capitão América. A seguir coloca em outro copo para ele mesmo tomar. Um veterano de guerra pede para experimentar e Thor diz que não é para mortais. Então aparece Stan Lee e diz para Thor deixar de querer assustá-los e pede a bebida. Em seguida aparece carregado por outros dois convidados, totalmente embriagado. Mais uma validação dada por Lee com sua participação, fazendo de Ultron um vilão reconhecidamente desse universo.

A Imagem do Herói

Diversas são as possibilidades para definir o que seria um herói e por quais caminhos ele peregrina até encontrar-se no mundo. Herói é “[...] o homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (MARANGONI, 2016, p.90). Complementa o autor:

“As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do

pensamento humanos” (MARANGONI, 2016, p.90). Herói e mito são figuras que se confundem, assemelham, entrelaçam; tem demanda, consumo, necessidade de compreensão. “Mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p.137).

Para Campbell; Moyers (1990) os mitos são histórias que se baseiam na busca da verdade, sentido, significação, através do tempo. E, ainda, que precisamos contar e compreender nossa história. E os mitos e heróis são históricos.

Durante a filmografia da Marvel é possível aprender que, muitas vezes, o herói é mais imagem do que um ser quase divino, mesmo quando sua própria realidade venera-o. Mas isso não é imperdoável, haja vista que heróis, mitos, mesmo com sua humanidade expressiva, parecem também migrar facilmente para o ideal. Talvez por isso tanta dificuldade em os avaliar e julgar. Um herói, um mito, ao ingressar numa guerra,

[...] desiste de sua vida pessoal e aceita uma forma socialmente determinada de vida, a serviço da sociedade de que é membro. Eis por que me parece obscuro julgar pessoas em termos da lei civil, por atos que elas praticaram em tempo de guerra. Elas não estavam agindo como indivíduos, mas como agentes de algo acima delas, a que se haviam consagrado inteiramente (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 25).

Devido a toda essa complexidade, cada ser deve encontrar um aspecto do herói, mito, para se relacionar com sua própria vida. De acordo com Campbell; Moyers (1990) os mitos têm basicamente 4 funções. A primeira estaria relacionada com o místico, com a abertura para o mistério transcendente que se faz presente por circunstâncias da vida verdadeira. A segunda, cosmológica, é a dimensão da qual a ciência se ocupa, sem fazer com que o mistério desapareça: “Você risca um fósforo – o que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada” (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 45).

A terceira função é a sociológica que valida e determina a ordem social, permitindo uma enorme variação da ideia de herói e mito, dependendo do tempo e lugar: “Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda uma mitologia da monogamia. Ambas são satisfatórias. Depende de onde você estiver” (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p.45). Por fim, a quarta função, seria a pedagógica, o ensinar como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Essas nuances ficam muito evidentes na filmografia da Marvel.

Adentrando nela, no primeiro filme de “Thor” (que apresenta parte da mitologia nórdica; seus deuses), há uma cena de grave discussão entre ele e seu pai, Odin. Jovem, o filho está dedicado a se divertir, enquanto Odin na função de rei, preocupa-se com a falta de maturidade do príncipe. Nesse cenário, o embate é inevitável:

(Odin) Você é vaidoso, ganancioso e um menino cruel! (Thor) E o senhor é um velho e um tolo! (Odin) Sim, eu fui um tolo em pensar que você estava pronto. Thor, filho de Odin; você traiu a ordem expressa do seu rei. Com sua arrogância e estupidez você expôs estes reinos pacíficos e vidas inocentes ao horror e devastação da guerra. Você não é digno desses reinos, não é digno do seu título, não é digno, dos seus entes queridos que foram traídos por você. Eu agora tomo de você o seu poder! (THOR, 2011).

Outro personagem duramente criticado foi Stephen Strange, o Doutor Estranho (personagem que é médico, ou seja, um “homem da ciência” e que ao não vislumbrar um caminho para sua vida, busca no espiritual, no mistério, o que tanto procurava). No filme homônimo, Strange é um personagem arrogante, mas que se torna bastante inseguro ao perder o movimento pleno das mãos. Isso não mais o permite ser o exímio cirurgião de outrora. Mesmo adentrando no mundo da magia, ainda não consegue dedicar-se plenamente ao que deve ser feito e é questionado por outro personagem; Mordo:

(Mordo) Esses fanáticos vão acabar conosco e você não consegue criar coragem para se livrar deles antes! (Strange) E o que você acha que acabei de fazer? (Mordo) Você salvou sua própria vida! E, então ficou aí chorando como se fosse um cão! (Strange) Assassinar é fácil assim? (Mordo) Você não faz ideia das coisas que eu fiz. E a resposta é sim, sem qualquer hesitação. (Strange) Mesmo que existisse outro jeito? (Mordo) Mas não existe outro jeito. (Strange) Não tem imaginação! (Mordo) Não Stephen; você não tem nobreza! (DOUTOR ESTRANHO, 2016).

“Homem de Ferro 2” apresenta importante conversa entre Ivan Vanko (Chicote Negro) e Tony Stark (Homem de Ferro). A propósito, Stark representa muito bem a função sociológica, a variação do entendimento do que é ser um herói, um mito:

(Vanko) Você vem de uma família de ladrões e assassinos e agora, como todo culpado, tenta rescrever sua história; e esquece todas as vidas que a família Stark destruiu. (Stark) Falando de ladrões, onde conseguiu esse projeto? (Vanko) Se você pode fazer Deus sangrar então o povo não vai mais acreditar nele, e haverá sangue na água. E os tubarões virão. Na verdade, eu só tenho que ficar aqui sentado vendo o mundo consumir você! (HOMEM DE FERRO 2, 2010).

Tony Stark é protagonista de outro diálogo marcante em “ Vingadores”. Steve Rogers (Capitão América) confronta Stark:

(Rogers) Um homem grande com armadura. Sem isso você é o quê? (Stark) Gênio, bilionário, playboy, filantropo. (Rogers) A única coisa pela qual luta é você mesmo. Você não é um homem que se sacrifica! (Stark) Nasceu de um laboratório de experiência Rogers; o que você tem de especial saiu de um mero frasco (VINGADORES, 2012).

A afirmação de Stark não é verdadeira, pois Rogers era um homem de físico franzino, sem muitas habilidades. O soro (frasco) foi quem deu os poderes ao capitão. Contudo, sua escolha foi com base no que tinha de melhor: sua essência. O cientista que desenvolveu a fórmula do soro deixa claro em “Capitão América: O Primeiro Vingador”, porque escolheu Rogers e qual o motivo de ele ser tão diferenciado: “Mas o que quer que aconteça amanhã me prometa uma coisa, que vai continuar sendo quem é; não um soldado perfeito, mas um homem bom” (CAPITÃO AMÉRICA, 2011). Capitão América e Homem de Ferro representam uma das maiores antíteses do Universo Marvel; ou seriam complementares? Trariam juntos a ideia da função pedagógica, o ensino de como viver uma vida sob qualquer circunstância? A princípio parece que um é a negação do outro:

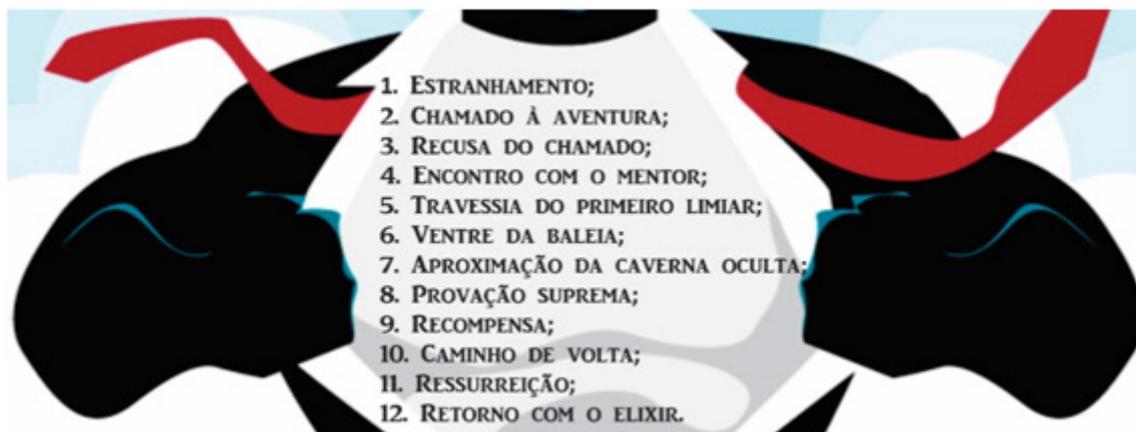
De um lado temos um herói que encara o seu dever como uma questão moral e ética ligada à sua visão de nação. Seria responsabilidade desse indivíduo zelar pela liberdade das pessoas e pelos direitos, que podemos chamar aqui de essenciais. No outro lado da disputa, encontramos um representante de uma visão corporativa/industrial, não que isso anule as questões morais e éticas do seu heroísmo, mas há o fim de um romantismo, que deu lugar para um pragmatismo imenso (MARANGONI, 2016, p.60-61).

Mas esse aparente irremediável conflito ensina que mesmo heróis tão diferentes, como os dois citados (mas não sendo os únicos), trilham algo conhecido como a “Jornada do Herói”. De outro modo, a sequência pela qual ele passa desde sua identificação inicial até sua possível morte. Mas qual seria essa jornada? Joseph Campbell, estudioso de Mitologia e Religião Comparadas, propõe um modelo. A “Jornada do Herói”, também chamada de Monomito, permitiu que se tornassem claros padrões que são repetidos até hoje pelas “histórias” que versam sobre um herói (MARANGONI, 2016, p. 90). Essa jornada do pode ser dividida em 12 passos:

FIGURA 1: Passos da Jornada do Herói

Fonte: Adaptado de Marangoni (2016)

Estranhamento é a sensação de deslocamento; não pertencer ao mundo em que vive. Chamado



à aventura consiste na ação de sair da zona de conforto por causa de determinado evento. “Significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida” (CAMPBELL, 2005, p. 34). Recusa do chamado é a interpretação de não ser capaz de atender a demanda. “A recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela “cultura”, o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado” (CAMPBELL, 2005, p.35). Encontro com o mentor: aprender a dominar suas habilidades e utilização de capacidades; na maioria das vezes não se consegue sozinho. “Para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora [...] que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se” (CAMPBELL, 2005, p. 39).

Como consequência dessa interação com o mentor, tem-se a travessia do primeiro limiar; o herói jamais voltará a ser quem era (MARANGONI, 2016).Ventre da baleia deriva da passagem bíblica de Jonas. O herói passará por uma grande provação, provavelmente perdendo algo de valor, para ter claro o altruísmo de sua missão. “A ideia de que a passagem do limiar é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar a força do limiar, é jogado no desconhecido” (CAMPBELL, 2005, p. 39). Aproximação da caverna oculta diz respeito a encontrar os inimigos e vilões que enfrentará. Provação suprema seria enfrentar seu grande inimigo; único capaz de vencê-lo. Retorno com o elixir é regressar após vencer seu grande inimigo

Uma vez vencido o inimigo, há uma recompensa.“Na nossa cultura de religião fácil, atingida sem esforço, parece que esquecemos que as três grandes religiões ensinam que as provações da jornada heroica são parte significava da vida, e que não há recompensa sem renúncia, sem pagar o preço” (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 121).

Concluindo, caminho de volta quer dizer que o herói retorna não mais como um estranho, mas como salvador. Ressurreição representa as dadas vezes em que o herói é tido como morto, mas acaba por retornar de situações em que a mesma era quase certa (MARANGONI, 2016, p.92).São quase infinitas as possibilidades e ângulos que permitem analisar a constituição, imagem e jornada dos heróis. Também há muita subjetividade nisso, haja vista que quem observa ou descreve não é neutro. Paixões podem aflorar, com que alguns personagens tenham mais destaque que outros.

De qualquer modo, em geral, heróis são construídos como pessoas comuns, que em dado momento tem um despertar; um chamado nem sempre agradável. Uma jornada em suma árdua, e recompensas muitas vezes com sabor agri-doce. Talvez um grande problema não esteja em quem são, mas o se que cria em termos de imagem e o que se espera deles em termos de resultado. A maior diferença entre o que se

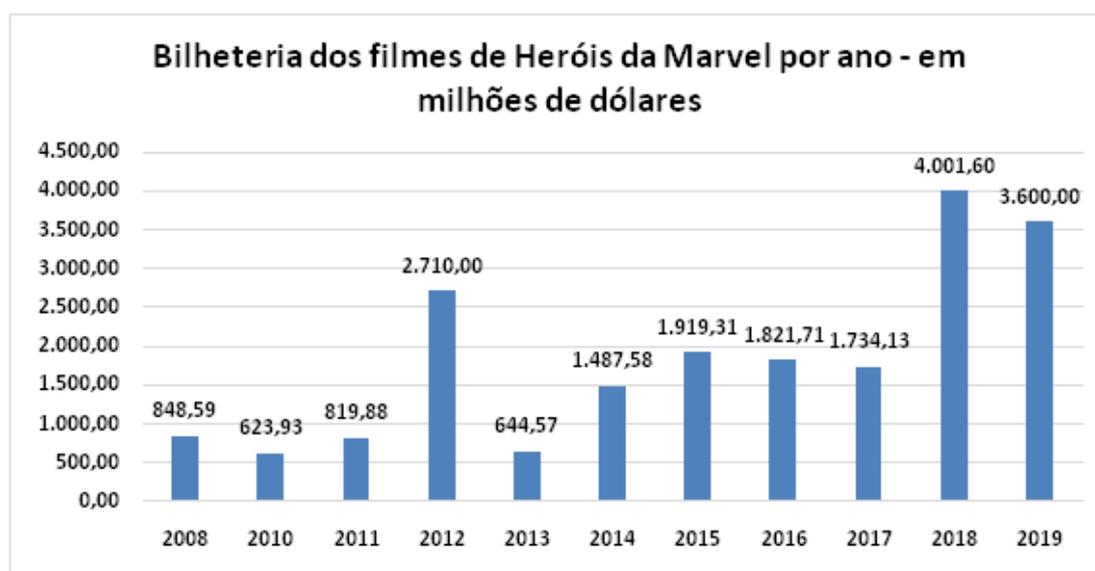
deseja e o que se obtém, é provável que se materialize na expectativa criada em cada herói; que nem sempre consegue corresponder. Deliberadamente ou não, também são factíveis de erro. Não é difícil identificar essa jornada em diversas criações de Stan Lee.

Heróis Rendem!

Com base em informações da matéria de Bridi (2019), o universo da Marvel rendeu mais de 20 bilhões de dólares em bilheteria em seus 22 filmes ao redor do mundo (à exceção da ausência de dados de 2009). Número formidáveis que também demonstram um movimento social que “necessita” de heróis; de esperança. Que se frustra quando o vilão termina o filme vencendo como acontece em “ Vingadores: Guerra Infinita”. Sensação de amargor na boca que só não é pior porque se sabe que sua paciência resultará num sabor doce ao final da continuação a ser trabalhada no próximo filme. Não a expectativa, mas a certeza da vitória, farão as multidões retornarem para às telonas.

GRÁFICO 1: Bilheteria dos filmes de Heróis da Marvel por ano - em milhões de dólares

Fonte: Adaptado de Bridi (2019)



Segundo matéria publicada no site da revista Forbes Brasil, sobre as 100 marcas mais valiosas do mundo em 2019, com os valores arrecadados nas bilheterias dos filmes da Marvel seria possível comprar a Lego (US\$ 8,1 bilhões) e a Sony (US\$ 11,3 bilhões). Caso escolhesse o mercado de luxo, seria possível adquirir a Rolex (US\$ 9,1 bilhões) e a Cartier (US\$ 6,5 bilhões). No segundo caso, o “troco” seria ainda mais expressivo. Mais expressivo ainda é verificar a “data de nascimento” dessas empresas, ou seja, o quanto demoraram para atingir valor de mercado superável em 10 anos: Lego (1932), Sony (1946), Rolex (1905) e Cartier (1847). Importante sempre salientar que bilheteria, ou seja, faturamento, não é lucro; o que não diminui a relevância dos números.

Contudo, não rendem “só” em termos pecuniários. Rendem publicações diversas, reflexões filosóficas, psicológicas; ou seja, rendem assunto para milhares de linhas e de horas. Um exemplo é o livro “Os dois lados da Guerra Civil: análise história e filosófica do maior conflito entre super-heróis”. A elaboração dessa obra necessitou da colaboração de pessoas com diversas formações: Adriano Marangoni é mestre e doutor em História (PUC-SP); Bruno Andreotti é bacharel e licenciado em História (PUC-SP) e mestre em Ciências Sociais (PUC-SP).

Por sua vez Iberê Moreno é graduado em Relações Internacionais e mestre em Comunicação e História e Maurício Zanolini é graduado em Design (FAAP) e pós-graduado em Pedagogia. Esse livro se propõe a analisar conexões culturais, históricas e políticas dos quadrinhos com o mundo real.

Durante a década de 60, ao ler um gibi da Marvel você se deparava com os maiores medos e esperanças do período: a energia atômica que poderia destruir o mundo em um inverno nuclear, em personagens como o Homem-Aranha e Hulk; o poder da ciência e o medo da guerra no Homem de Ferro e mesmo o sonho de ver o homem na Lua com a Corrida Espacial no Quarteto Fantástico. E, como se não bastasse, aqueles heróis que partilhavam um mundo verossímil conviviam uns com outros, estavam em um mesmo universo, o Universo Marvel (MARANGONI, 2016, p. 39-40).

Comum é a dificuldade em compreender frase que muitos já ouviram: “A vida imita a arte ou a arte imita a vida?”. É provável que exista uma retroalimentação. Os heróis inspiram, animam, convidam a proeza e a diferenciação saudável dentro de um coletivo. Isso acontece na vida real! Assim como nossa sociedade, cultura, costumes, conhecimentos; erros e acertos, dão vazão à criatividade na criação de heróis e vilões.

As escolhas editoriais da Marvel não são uma busca por uma criação de mitologias modernas, mas sim uma tentativa de trazer ao mundo um pouco das maravilhas e dos sonhos, de um modo que seja minimamente crível e possível o que é contado. É narrar de maneira mais ligada à sua realidade, mesmo que isso custe uma prisão maior ao seu contexto, deixando a história anacrônica com o passar dos anos (MARANGONI, 2016, p. 54).

Adolescentes em crises existenciais e que passam por perdas irreparáveis não existem apenas na visão de Stan Lee ao criar o Homem-Aranha. Um cientista que não consegue dominar seu experimento e acaba gerando algo que pode, em dado momento, comprometer a segurança das pessoas não é exclusividade do Hulk de Lee. Uma pessoa comum, contudo, com grandes habilidades desenvolvidas ao longo de anos de treinamento duro, pode ser um herói como o Gavião-Arqueiro (e com seu passado obscuro) ou mesmo um bilionário que sabe gozar os prazeres da vida acaba usando seu dinheiro e talentos para uma bem maior; o Homem de Ferro.

Stan Lee captava muito bem a essência de determinadas pessoas, grupos sociais e levava para sua arte parte da vida. Criou a primeira heroína, Susan Storm (Mulher Invisível) que fazia parte do Quarteto Fantástico (uma família inspirada nas humanas; com momentos felizes e vários problemas). Assim como chancelou o primeiro filme a ser protagonizado por uma heroína: Capitã Marvel (bilheteria de US\$ 1,1 bilhão). O Surfista Prateado, personagem oriundo de outro planeta, sempre trouxe o questionamento das razões pelas quais a humanidade se evolvia em tantas guerras e como cultivava diversos preconceitos.

E também não se esquivou de polêmicas nem de tocar em feridas ao criar o primeiro personagem com ascendência africana: Pantera Negra, que estreou mesmo antes dos heróis afro-americanos. O filme homônimo rendeu US\$ 1,3 bilhão. Heróis rendem! Bilheteria, lucros, fama, prestígio. E, acima de tudo, reflexões sobre a vida paralela dos quadrinhos e da vida real, onde parece que personagens podem ser recortados de uma e colados na outra, de forma que seja muito difícil, afirmar com certeza de onde provém.

Mais análises possíveis ...

Mark D. White é catedrático do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e de Filosofia da Faculdade de Staten Island. William Irwin é professor de filosofia no King's College. Juntos escrevem o livro “Os Vingadores e a filosofia: os personagens mais poderosos”. Nesse livro os autores também resgatam o personagem de Ultron, abordando a relação de “filho” com o que seria seu “pai”, o Dr. Pym. Apesar do primeiro ser parte da consciência do segundo, “[...] Pym nunca teve chance de influenciar os pensamentos

de Ultron e, de fato, ele nem sabia que seu “filho” havia desenvolvido a autoconsciência até Ultron o atacar pela primeira vez” (IRWIN; WHIDE, 2015, p. 35).

De onde decorre o questionamento se Pym seria moralmente responsável pelo comportamento de Ultron. A resposta parece ser sim para os Vingadores, pois “a linha de pensamento parece ser a de que Hank é responsável porque, se ele não tivesse criado Ultron, este não poderia ter cometido seus feitos terríveis” (IRWIN; WHIDE, 2015, p.36). De outra forma, criador e criatura seriam, de certa forma, indissociáveis; fosse para o bem ou para o mal. A partir disso, os autores irão questionar se são somente os vilões, como Ultron, merecem despeito e, se a linha que separa o herói do vilão não pode ser, muitas vezes, tênue.

Apesar de não ser o único “ex-vilão” entre as fileiras dos Vingadores, observe-se o caso do Gavião Arqueiro e como data circunstâncias alteram as percepções:

Em seus tempos como criminoso, ele prejudicou Tony Stark; portanto, Stark teve o direito de perdoá-lo – algo que ele faz bem rápido (talvez rápido demais). Mas suponha que Stark não tivesse sido tão rápido no perdão – a que altura sua recusa teria se tornado desarrazoada? Não existe uma resposta clara, mas, no caso de Gavião Arqueiro, ele se arrependeu claramente de seu comportamento criminoso anterior e mudou seu jeito, tornando-o um candidato provável ao perdão. Uma vez que ele ajudou a salvar o mundo uma ou duas vezes, tornou-se ainda mais apto. Já que ele salvou a própria vestimenta de Tony de transformá-lo em bacon algumas outras vezes, parece que Tony teria sido pouco razoável se ele ainda se ressentisse pelas ações anteriores do Gavião Arqueiro (IRWIN; WHIDE, 2015, p. 91).

Se há uma vontade e oportunidade de redenção sinceras, como ficaria o herói caso não as permitisse? Cairia no risco de ser empedernido pelo ressentimento. *A priori*, o ressentimento não seria uma falha moral. Contudo, para o filósofo e teólogo, Bispo Joseph Butler, “[...] Pode se tornar uma falha moral, se permitirmos que o ressentimento excessivo controle nossas ações. O ressentimento excessivo leva à vingança – e o antídoto para ele é o perdão” (IRWIN; WHIDE, 2015, p. 85).

Perdoar ou vingar? Não são os Vingadores?

O filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004) afirmava que, se o perdão deve ter algum significado, ele deve ser concedido (aparentemente) imperdoável. Perdoar o perdoável é (relativamente) fácil, e é acompanhado de benefícios; ao perdoarmos o amigo arrependido e cheio de remorsos, por exemplo, recuperarmos a amizade, gerando um tipo de troca. Porém, perdoar o imperdoável é a única forma “pura” de perdão, em que não existe expectativa de recompensa (IRWIN; WHIDE, 2015, p. 94).

Vingar-se e acertar as contas são relacionados, mas distintos. “Vingar é punir para consertar um erro, enquanto perdoar é abrir mão da punição – ou assim parece; mas vingar-se e perdoar pode ser unidos. Perdoar não envolve abrir mão da punição – envolve abrir mão do ressentimento e da vingança” (IRWIN; WHIDE, 2015, p. 95). A ideia da palavra Vingadores veio justamente de Stark ao dizer que se não pudessem proteger a Terra, ao menos a vingariam. Esse tom assemelha-se muito mais ao ressentimento e à vingança, do que uma mera punição. Ainda mais quando vem de um personagem cuja família construiu seus bilhões por meio da comercialização de armas. “Como foi mesmo que fez sua a fortuna Star?”, questiona Fury no filme de 2012.

Desmascarando os Heróis

Não foi só quando Hulk influenciado pelos poderes da Feiticeira Escarlata lutou contra o “Homem de Ferro” em sua “Hulkbuster” que os ânimos ficaram mais acirrados entre os Vingadores. Em “Os Vingadores”, Homem de Ferro e Capitão América trocaram farpas por diversas vezes. Ambos parecem representar bem os conflitos existentes entre o modelo ideal de herói, o herói factível, ou até mesmo o

que se chama, em determinados momentos, de anti-herói (que não se enquadra exatamente nem como herói nem como vilão; faria bondades mas com limites legais e morais mais elásticos, por assim dizer). As divisões do pensamento de Rogers e Stark culminam em “Capitão América: Guerra Civil”.

Todavia foi em “ Vingadores: Era de Ultron ” que essa falta de unicidade de pensamento e ação dos heróis ficou mais clara. Parece que quando a crítica vem de outro herói, outras possibilidades ficam sobre a mesa, como se a crítica fosse movida pela vaidade, desejo de ser sempre o melhor, o mais poderoso, o mais querido, famoso; ou seja, como se a crítica tivesse um peso maior em diminuir um para exaltar outro. A essência da crítica desaparece, soando como desdém. Ao menos essa forma de pensar serve de um bom escudo para quem é criticado; um escudo tão bom quanto o do Capitão América.

Quando um vilão critica os heróis é como se a outra face do espelho se voltasse contra eles. Tanto que quando Ultron diz que o capitão é um homem santificado que na verdade finge conseguir viver sem uma guerra, não obtém nenhuma resposta. E quando a Feiticeira Escarlate promove visões que despertam os medos dos Vingadores, Capitão América vê somente um baile, onde seu grande amor diz que a guerra acabou e eles podem ir para casa. Ou seja, reforça a ideia de que a vida do herói sem a guerra não faz sentido e ele teme esse vazio. Ultron sabia que cada Vingador possui um ponto fraco, um medo, uma contradição.

Viúva Negra que trabalhou por anos para os russos em missões nada dignas, relembra um passado que na verdade deseja esquecer. Passado de formação de espiã e assassina cruel, que agora busca a redenção fazendo bondades; unindo-se aos heróis acolhida e perdoada. Thor, o príncipe de sua raça teme não ser capaz de garantir a sobrevivência dos mesmos e, no fundo, sabe que não é digno o suficiente, mesmo que possa levantar o Mjolnir. Sabe que ainda é vaidoso e imaturo em muitos momentos e que seu maior fracasso seria que isso resultasse na morte de pessoas inocentes.

Por isso e muito mais Ultron diz que não só não são dignos, mas são também assassinos. Nesse caso assassinos com ações legitimadas pela imagem do herói e pelo benefício da salvação de milhões, mesmo que isso custe a vida de muita gente também. Quando Ultron diz que as pessoas criam aquilo que temem ele não deixa de falar dos e para os heróis. Afinal ao mesmo tempo que os Vingadores são garantidores da paz, eles também causam muitas mortes, destruição, prejuízos. Para alguns, passam a ideia de que não tem e não precisam ter limites. Parte dessa discussão também está presente em “ Vingadores: Guerra Civil ” e, no universo cinematográfico Marvel, é Ultron o gatilho.

No filme é estabelecida a necessidade de os Vingadores assinarem o Tratado de Sokovia; documento que termina por separar ideologicamente os Vingadores. Stark quer que todos assinem e Rogers não aceita, dividindo os Vingadores em dois times. O tratado exige que os heróis deixem de operar livremente e passem a agir de acordo com o controle das Nações Unidas; somente quando necessário e autorizado. A chamada “gota d’água” ocorreu justamente em Sokovia, um pequeno país que teria sido dizimado pela guerra com Ultron.

E sobre desmascarar literalmente os heróis, o fato realmente aconteceu e não deixa de ser uma derivação do ocorrido em Sokovia. Nas palavras de Tony Stark, “*O público não quer máscaras e identidades secretas. Todos querem se sentir seguros quando estamos por perto, e não há outra maneira de reconquistar o respeito das pessoas*” (MARANGONI, 2016, p. 41). Mais uma vez representando o espelhamento entre ambos, para o Capitão América “*Super-heróis precisam estar acima dessas coisas, ou Washington vai começar a nos dizer quem são os supervilões*” (MARANGONI, 2016, p. 41). Falcão, companheiro de longa data do Capitão chega a dizer: “*As máscaras são uma tradição. Não podemos simplesmente deixar que nos transformem em super policiais*” (MARANGONI, 2016, p. 42).

A máscara tem um efeito material prático: proteger a identidade dos heróis bem como seus entes

queridos, que poderiam facilmente sofrer represálias pela proximidade com os amigos do bem. Contudo, ela também serve para esconder; mas esconder geralmente algo ainda mais profundo. Pode-se de certa forma dizer que ao ser retirada a primeira máscara, não se desvela totalmente o herói ou sua jornada. Camadas profundas estão sob a máscara e, acima de tudo, sob a pele. Histórias, conflitos, medos, vaidades, entre tantos outros fatores compõem as camadas desses heróis. Retirar a máscara seria como uma espécie de *peeling*, que tal qual faz com a pele ao retirar camadas superficiais, retiraria camadas capazes de revelar a real identidade dos “mocinhos”. Usar uma máscara pode ser interpretado como um dilema ético, já que cogita a possibilidade de uma mentira, de um engodo:

Os super-heróis defendem o bem, o verdadeiro e o justo. Como eles podem justificar os engodos e até as mentiras deslavadas necessárias para criar e preservar sua identidade secreta? A conduta honorável é definitiva para todos os super-heróis clássicos. Portanto, uma identidade secreta parece representar um problema (MORRIS; MORRIS, 2009, 241).

Ultroné o vilão que dá tapas com luvas de pelica nos Vingadores, sem o menor pudor. E eles sentem, vacilam, titubeiam e falham. Não deixam de ser heróis para os outros, mas o gérmen de uma crítica ácida e de um espelhamento duro, chega até mesmo a corroer seu interior. Isso acontece a ponto, por exemplo, do grande e virtuoso Capitão América ter suas certezas desmoronadas, tornando-se o Nômade; sem país, sem casa, sem causas.

Considerações Finais

Homem de Ferro e Capitão América possivelmente simbolizam dois arquétipos de heróis. Uma maneira interessante de distingui-los, seria associar Stark ao utilitarismo e o Capitão América a deontologia. Por mais que muitas vezes Stark cometa atos e tenha pontos de visão muito questionáveis, parece ser injusto desprezar suas motivações sinceras em fazer o bem; para ele é difícil melhorar algo sem quebrar regras ou mesmo gerando consequências negativas. “O utilitarismo julga as ações a partir da benevolência de suas consequências. Uma ação que crie mais bem do que mal no mundo é ética, e a ação que cria maior bem em comparação ao mal é mais ética” (IRWIN; WHIDE, 2015, p. 14). Na prática, contudo, pode ser muito difícil essa mensuração.

Os deontologistas não negam plenamente a relevância das consequências, contudo, os princípios são tão importantes quanto. “Enquanto Tony exemplifica o utilitarismo, o Capitão América fornece um exemplo flagrante de deontologia, que julga a moralidade das ações por si mesmas, de acordo com princípios gerais de deveres, em vez de consequências” (IRWIN; WHIDE, 2015, p. 15).

Homem de Ferro e Capitão América representam apenas dois exemplos da legião de super-heróis que oscilam entre essas possibilidades éticas. Logicamente que essas e outras formas, focos e perspectivas de análise dos heróis, em especial dos criados por Stan Lee, dependo muito da lente de quem os observa. Contudo, a riqueza e contribuições de reflexões são, por assim dizer, incontestáveis.

As melhores histórias em quadrinhos de super-heróis, além de divertirem, introduzem e abordam de forma vívida algumas das questões mais interessantes e importantes enfrentadas por todo ser humano – questões referentes à ética, responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, à mente e às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino, ao sentido de nossa vida, ao que pensamos da ciência e da natureza, ao significado do amor, às virtudes clássicas como coragem e muitos outros temas importantes (MORRIS; MORRIS, 2009, p. 11).

Nesses aspectos o universo cinematográfico da Marvel também é rico, mesmo que não se proponha a retratar com fidelidade as HQ's. As dúvidas ficam evidentes nos heróis, por toda a sua jornada, no

enfrentamento de amigos e de vilões. Cria, mesmo que subjetivamente, um processo de crítica interna neles, fazendo-os compreender que compete principalmente aos mesmos, a administração da distância entre o herói, o divino, e o humano, o factível de erro.

Referências

- BADENHAUSEN, K. **As 100 Marcas Mais Valiosas do Mundo em 2019**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://forbes.uol.com.br/listas/2019/05/as-100-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-2019/>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- BRIDI, N. **De Vingadores: Ultimato a incrível Hulk – as bilheterias do MCU**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/marvel-cinema/bilheterias-do-mcu>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. **O Poder do Mito**. Org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAPITÃO América: O Primeiro Vingador. Joe Johnston. Produção: Marvel Estúdios. Estados Unidos da América (EUA), 2011. Bobina Cinematográfica (124 min). son., color., 35 mm.
- CROFFI, F. **Vingadores: Era de Ultron traz vilão sem graça e muita enrolação**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://geekness.com.br/vingadores-era-de-ultron-critica/>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- DOUTOR Estranho. Direção: Scott Derrickson. Produção: Marvel Estúdios. Estados Unidos da América (EUA), 2016. Bobina Cinematográfica (110 min). son., color., 35 mm.
- FRAGATA, M. **Crítica de Vingadores: Era de Ultron – uma sequência perdida em sua ambição**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://nosbastidores.com.br/critica-vingadores-era-de-ultron/>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- HOMEM de Ferro 2. Direção: Jon Favreau. Produção: Marvel Estúdios. Estados Unidos da América (EUA), 2010. Bobina Cinematográfica (124 min). son., color., 35 mm.
- IRWIN, W.; WHIDE, M. **Os Vingadores e a Filosofia: os personagens mais poderosos**. São Paulo: Madras, 2015.
- MARANGONI, A. *et al.* **Os Dois Lados da Guerra Civil: análise histórica e filosófica do maior conflito entre super-heróis**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2016.
- MISS GEEK. **Ultron: conhecendo o personagem**. Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://osupernerd.com.br/quadrinho/ultron-conhecendo-o-personagem/>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- MORRIS, M.; MORRIS, T. **Super-Heróis e a Filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático**. Coordenação de Wilian Irwin. São Paulo: Madras, 2009.
- NORONHA, G. **7 Vilões dos Filmes da Marvel que Mais Decepcionaram os Fãs**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/7-viloes-dos-filmes-da-marvel-que-mais-decepcionaram-os-fas/>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- OLIVEIRA, M. **Como “Vingadores Ultimato” transformou “Vingadores: Era de Ultron” em um filme melhor**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://ovicio.com.br/como-vingadores-ultimato-transformou-vingadores-era-de-ultron-em-um-filme-melhor/>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- PEREIRA, E. **Vingadores: Ultimato torna Era de Ultron um filme muito melhor**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://cosmonerd.com.br/cinema/opinanerd-filmes/como-vingadores-ultimato-torna-era-de-ultron-um-filme-muito-melhor/>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- SALEM, R. **Vingadores: Era de Ultron é a maior decepção da Marvel e serve apenas para vender bonequinho**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/blogs/rodrigo-salem/vingadores-era-de-ultron-e-a-maior-decepcao-da-212702147.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- SILVA, U. **Decepção: bilheteria de Vingadores Era de Ultron em final de semana de estreia**. São Paulo, 2015a. Dispo-

nível em: <http://filmesmaniaco.blogspot.com/2015/05/Decepcao-vingadores-era-de-ultron-bilheteria.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.

SILVA, U. **Vingadores**: Era de Ultron é muito; muito ruim. São Paulo, 2015b. Disponível em: <http://filmesmaniaco.blogspot.com/2015/05/vingadores-era-de-ultron-o-filme-e-muito-ruim.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.

THOR. Direção: Kenneth Branagh. Produção: Marvel Estúdios. Estados Unidos da América (EUA), 2011. Bobina Cinematográfica (115 min). son., color., 35 mm.

VINGADORES. Direção: JossWhedon. Produção: Marvel Estúdios. Estados Unidos da América (EUA), 2012. Bobina Cinematográfica (142 min). son., color., 35 mm.

VINGADORES Era de Ultron. Direção: JossWhedon. Produção: Marvel Estúdios. Estados Unidos da América (EUA), 2015. Bobina Cinematográfica (143 min). son., color., 35 mm.

Recebido em: 01.07.2019

Aprovado em: 06.08.2019